

Maria e Pe. Gaspar



Imagem da Imaculada muito cara a Pe. Gaspar Bertoni

Pe. Silvano Controne, CSS

Tradução:

Pe. Benedito Andrade Bettini, CSS

Edição Eletrônica:

Agosto / 2005

Introdução

A devoção mariana de Pe. Gaspar não pode ser separada, em sua plena maturidade física e espiritual, das outras duas devoções que são complementares:

- os esponsais com S. José
- os Estigmas e a Paixão de Jesus Cristo.

Um perfeito conhecimento da devoção mariana do Padre Fundador não pode prescindir da figura de S. José e do amor ao Crucifixo!

Para isso seria preciso ter uma sinopse desta tríplice dimensão da piedade bertoniana: MARIA - JOSÉ - CRUCIFIXO, ou melhor, seria preciso conhecer a figura da Virgem no seu ser esposa de José à luz do ensinamento da Paixão de Jesus Cristo. Pe. Marani o compreendeu bem no panegírico do esponsalício de 1849 onde, em um terceiro ponto demonstra que o esponsalício de Maria foi o mais santo nos seus deveres para com o Esposo e para com o Filho. E, a propósito deste último, escreve: "Quantas fadigas, quantos trabalhos, quantas dores Ela sofreu (naturalmente com José) para conservar uma vida tão preciosa e preparar uma Hóstia tão pura, que deveria ser imolada no tempo prefixado por divino decreto".

Embora esta tríplice "dimensão" poderia ter chegado progressivamente na fé de Pe. Gaspar (cfr. conhecimento de S. José durante o ministério a favor da Canossa e da Naudet e a edição do livro sobre José "O mês de março consagrado ao glorioso patriarca S. José, Esposo de Maria Virgem, para conseguir seu patrocínio na vida e na morte"; devoção profunda à Paixão de Jesus e às suas Chagas na função da sexta-feira nos Estigmas), tornou-se depois uma SÓ ALMA a tal ponto que também seus filhos nas suas homilias para os Esponsais e para a Paixão às sextas-feiras ofereciam quase sempre esta visão bertoniana

Falar, pois, da devoção de Pe. Gaspar a Maria, quer dizer, não separá-la da devoção aos Santos Esposos e aos Estigmas de N. S. J. Cristo.

Uma vez que escrevo a vocês que já conhecem esta realidade, não me deterei para falar dos Esponsais (interessantes estudos modernos demonstram a genialidade de Pe. Gaspar na escolha dos Santos Esposos como modelos para a Congregação) e dos Estigmas de N. S. J. Cristo (P. Nello Dalle Vedove no sexto volume insistira muitíssimo sobre as pregações das sextas-feiras de Pe. Fedelini, de Pe. Gaspar, de Pe. Lenotti), mas detenho-me em percorrer as etapas salientes da devoção mariana de Pe. Gaspar.

1. VIDA "MARIANA" DE PE. GASPAR

Gostaria que atentássemos a dois aspectos:

- A. que ESCOLA MARIANA de oração Pe. Gaspar freqüentou e que escola de fé oferece na sua vida.
- B. quais "DEVOÇÕES" externas exprimem esta profunda vida interior mariana.

A. As "Várias escolas" Marianas de Pe. Gaspar

A primeira escola de amor a Maria foi a de MAMÃE BRUNORA e da família. A devoção a Nossa Senhora (cfr. sobretudo para com N. Senhora do Povo na catedral e para com a Anunciação, festa soleníssima em Verona) se "suga" com o leite materno. A vida de Verona é entrelaçada com a devoção a Maria.

Estes primeiros elementos marianos foram elevados a um nível superior quando o jovem Gaspar se inscreveu no Oratório Mariano de São Sebastião, onde cada congregado devia fazer uma profissão especial de fidelidade e amor à Virgem.

Eis o texto fundamental das Regras de 1587 sempre repetido nas diversas redações posteriores: "Todos os Congregados esforçar-se-ão para serem devotos de Maria Santíssima, sentir-se-ão honrados, considerando-se seus filhos e servos, como pessoas inteiramente consagradas a Ela. Porisso terão todo o cuidado não só de reverenciá-la, honrá-la e amá-la com todo esforço, mas esforçar-se-ão ainda para imitar com a integridade de vida e de costumes, seus maravilhosos exemplos de virtude. Além disso, com freqüente e piedosa conversação procurarão progredir unidos no seu amor e na sua reverência, e despertar em suas almas um verdadeiro desejo de espalhar seu culto, sua honra e sua glória" (P. Nello, vol. I, p. 205/206).

Em honra de N. Senhora eram prescritos ao Congregado, a oração cotidiana do Ofício de Maria ou o Terço, a S. Comunhão em suas principais solenidades e, no sábado, o canto das Ladainhas... e outras práticas pessoais deixadas à iniciativa de cada um.

Após um curso de exercícios espirituais, no domingo 26 de abril de 1789, celebrou-se a cerimônia de agregação de Gaspar, aluno de Suprema, à Congregação Mariana de S. Sebastião (cerimônia renovada no dia 31 de outubro de 1824, depois que se obteve a agregação do Oratório dos Estigmas à Prima Primária do Colégio Romano).

A fórmula de consagração do jovem Bertoni (e dos Padres dos Estigmas em 1824) mostra o grande amor a Maria, sobretudo, a escolha de vida feita à luz de Nossa Senhora: "Santíssima Virgem Maria, mãe de Deus, nós, embora indignos de ser vossos servos, contudo movidos pela vossa admirável ternura para conosco, e pelo desejo de servir-vos, vos escolhemos hoje, em presença de nosso Anjo da Guarda, de S. Luís Gonzaga, nosso especial advogado, e de toda a Corte celeste, por nossa particular Senhora, Advogada e Mãe. Firmemente propomos servir-vos sempre e fazer o que estiver ao nosso alcance para que outros também vos sirvam. Propomo-nos com empenho observar as normas desta vossa Congregação, e em tudo comportar-nos sempre como vossos verdadeiros e amorosos filhos. Portanto, suplicamo-vos, mãe terníssima, queirais receber-nos hoje no número destes vossos Congregados em perpétua servidão, e vos rogamos nos sejais sempre favorável alcançando-nos que, na linha de nossos pensamentos, palavras e atividades, nunca cheguemos a ofender o vosso olhar e o do vosso divino Filho. Lembrai-Vos de nós e não nos abandoneis na hora de nossa morte. Amém." (P. Nello, vol. I, P. 208).

Ainda padre jovem, sua vida foi "marcada" pela presença materna de Maria, já que uma das "Regras fundamentais de vida" do seu padre espiritual, Pe. Nicola Galvani, estabelecia: "Depois de Deus, a Virgem Maria ocupará o primeiro lugar no seu coração. Nunca a perderá de vista, custe o que custar. Mas procurará inflamar-

se cada dia mais em sua devoção... Rezará diariamente o Terço de costume. Em cada necessidade, própria ou alheia, pequena ou grande, invocará seu poderosíssimo auxílio. Preparar-se-á para celebrar suas solenidades com novenas, nas quais preferirá servir-se de alguma devota meditação relativa ao mistério celebrado, e de algum afetuoso colóquio, mais do que de frios amontoados de orações vocais. Cada semana, particularmente às sextas-feiras, lembrar-se-á de fazer alguma mortificação em sua honra ou alguma prece em seu altar. Isto tudo com prudente atenção ao estado de saúde física, procurando mortificar o espírito e a vontade mais do que o corpo e a saúde" (sétima regra do "regulamento do dia" de Pe. Nicola Galvani, Pe. Nello, vol. 2, p. 24).

A morte de sua mãe terrena (Brunora Ravelli) fez aumentar ainda mais todo seu afeto e amor à mãe do céu.

Como "Fundador" (depois de 1816), Pe. Gaspar cresceu na escola de Maria, de S. José e do Crucifixo. Para sublinhar o grande amor que Pe. Gaspar mantinha nos Estigmas para com N. Senhora basta recordar o rico calendário litúrgico de comemorações marianas, conforme nos transmite Pe. Modesto Cainer. (Patrocínio de Maria, Apresentação de Maria no Templo, Imaculada Conceição, Natal de N. S. J. Cristo, Tríduo para os Esponsais, Purificação, N. Senhora das Dores, Anunciação, Páscoa, Assunção, Coração de Maria, Nossa Senhora do Povo, Santíssimo nome de Maria, S. Rosário, Pureza de Maria SSma.).

Eis como Pe. Nello escreve esta lista do Fundador: "Para amparar e guiar Pe. Gaspar neste cuidado, escondidamente, da obra que Deus lhe entregou nas mãos existem dois anjos tutelares: Maria e José. São eles, antes, que presidem a tudo, eles que como reais fundadores e diretores fecundam o gemem e garantem seu desenvolvimento. Só assim podemos explicar aquela absoluta desapropriação do direito e do título de fundador por parte de Pe. Gaspar. Desde que em 1816 o Pe. Nicola Galvani lhe entregou a igreja dos Estigmas, ele a viu como lugar adequado para iniciar uma Congregação de Padres que vivam, debaixo das regras de S. Inácio: não se trata de fundar ou instituir, mas somente de colocar, oferecer espaço à obra dos Santos Esposos. E quando, 22 anos mais tarde, dirigiu-se ao Papa Gregório XVI, ele não se apresenta como Fundador, mas como o "ínfimo dos vossos servos" que "com alguns companheiros em vida clerical e comum... gratuitamente serve à Esposa de Jesus Cristo" e é sua justa intenção assegurar que este "serviço seja durável e não interrompido com sua morte". Não podia encontrar expressão mais modesta para definir em uma obra que girava inteiramente ao redor dos Santos Esposos: somente eles, portanto, deviam ser vistos como os verdadeiros fundadores e mantenedores" (P. Nello, vol. 6, p. 241- 242).

Certamente porém, a escola mais importante, à qual o Fundador deve muito, foi seu leito de sofrimento e de dor. Na escola de Cristo Crucificado Pe. Gaspar aprendeu também o imenso amor para com a Mãe das Dores, o amor àquela que percebia particularmente vizinha aos pés da Cruz no sofrimento com o Filho. Maria oferecia-lhe êxtases místicos de amor só na recitação da Ave Maria!

Pe. Lenotti recolheu de Pe. Benciolini o seguinte: "uma vez, indo (Pe. Gaspar) visitar um companheiro doente, para que não se cansasse demais, aconselhou-o a rezar a Ave Maria, mas 'meditando-a como eu também costumo fazer,' disse, quando não consigo dormir. Rezo o terço, mas medito as palavras da Ave Maria,

ocupando uma hora ou mais em cada uma. O mesmo faço com o Pai Nosso. "E assim as noites passam" (Summ. Add. p. 188).

Pe. Lenotti refere que: "Embora sempre enfermo, ao falar com alguém, Pe. Gaspar se apresentava habitualmente cortês e afável. Forçado a passar muitas noites acordado em consequência de suas prolongadíssimas enfermidades, rezava diversas orações, o terço e jaculatórias" (Summ. Add. p. 144).

E Pe. Giacobbe dá um testemunho de valor: "... acima de tudo inteiramente recolhido, orava e meditava dia e noite. Invocava freqüentemente os santos nomes de Jesus e Maria. Honrava sempre a Mãe de Deus rezando o terço, que conservava debaixo do travesseiro. Freqüentemente, e segundo as necessidades que sentia dela, eram suas devotas e santas inspirações. Sobretudo a oração secreta do coração, contínua e incendiada de amor divino... Ardoroso como era, de santos e sublimes afetos, o coração e a mente repletos das coisas divinas, a meditação era-lhe espontânea e familiar; uma necessidade, ou permito-me dizer, uma segunda vida. E o que é mais para se admirar, aquelas mesmas orações ordinárias, que para muitas pessoas... passam despercebidas e estéreis de afetos, para ele eram sempre sementes e frutos fecundos de santas e sempre novas meditações... Assim ele mesmo confiou, num de seus últimos dias, a um confrade que o assistia, que a meditação da Ave Maria bastava para ocupá-lo horas a fio e mesmo uma noite inteira, considerando as sublimes verdades e sentindo os santos efeitos que lhe produziam no coração esta breve oração. E pode-se acreditar, que uma bela recompensa de afetos e de graças Maria lhe devolvesse, ou confortando-o com alguma celeste visão, ou algum outro favor, com que ela é tão liberal para com aqueles que praticam a verdadeira devoção e o amor, como Pe. Gaspar professava" (Summ. Add. pp. 432 s.).

B. As devoções "Marianas" de Pe. Gaspar

O ensinamento, obtido durante sua vida nas "várias escolas", Pe. Gaspar o transformou em comportamento, em atitudes, em devoções visíveis. Porém, falar das "devoções" marianas de Pe. Gaspar, quer dizer também, reconhecer a necessidade de que o exterior seja animado pelo interior, como ele mesmo afirmou, caso contrário, para nada serve a prática exterior: "Uma devoção externa desvinculada do coração é cadáver de devoção. A alma da devoção é o coração" (1246) (pregação de 5 de outubro de 1806 sobre "culto exterior").

Não é possível deter-se em todas as devoções marianas de Pe. Gaspar, porque são numerosas. Sublinharei algumas:

a) Santo Rosário (O Terço)

Guiemo-nos seja pelo seu exemplo e por sua contínua recitação do terço, ou por sua maravilhosa doutrina sobre o S. Rosário.

A recitação do Terço é um dos "costumes" adquiridos durante o longo "tirocínio" de Congregado mariano. Também como "animador" dos oratorianos mais empenhados, ainda padre jovem, encontrando-se reunidos à tarde, em casa, recitava-se o terço do S. Rosário (cfr. P. Nello, vol. 2, p. 519) .

No dia 4 de outubro de 1807, em S. Paolo di Campo Marzo, fez uma prática sobre o Rosário e apresentou sua excelência, a nobreza de sua origem que o torna ilustre, a perfeição intrínseca que o distingue, a autoridade muito segura que o estabelece, o promove, o confirma. Na exortação final, Pe. Gaspar revela toda sua fidelidade a uma prática que lhe foi sempre muito querida: "Eis portanto, irmãos, no Rosário uma devoção nobre pela origem, perfeita em sua natureza, e confirmada pela autoridade dos melhores testemunhos e prodígios. Eis a excelência sublime dessas místicas rosas, de que hoje são entrelaçadas a devoção dos fiéis, ardentes e alegres coroas à Virgem. São estas rosas dos jardins celestes, transplantadas no campo fértil da Igreja. Admire o fiel piedoso sua glória, sua forma, sua estrutura, o fruto destas flores; excedem as limitadas idéias e as regras de toda arte, de toda ciência, mesmo dos sábios mais consumados. Pelo esplendor de tanta perfeição confundem a insensata e vã sabedoria do mundo" (1396).

Pe. Nello afirma: "Não é um simples rasgo de retórica que Pe. Gaspar apresenta aos fiéis de S. Paulo. Como sacerdote profundamente mariano, ele sempre orientou as almas a Maria, deixando-lhe a parte preponderante em todas suas obras, mas especialmente nos seus Oratórios Marianos e na sua Congregação Religiosa. E ninguém poderá relatar quanto conforto provou Pe. Gaspar com a recitação do Terço, principalmente nos longos anos de seu cruciante martírio e até nas noites de insônias que precederam sua última agonia" (vol. 2, p. 567).

No Memorial Privado no dia 11 de outubro de 1808, Pe. Gaspar escreve: "Clareza de espírito no estudo. Afeto no terço". E Pe. Stofella comenta: "Trata-se do estudo normal de um sacerdote; e da recitação cotidiana da terça parte do S. Rosário; mas enriquecido por Deus com dons de tal natureza que o humilde Pe. Gaspar quis deixar uma lembrança privilegiada no seu Memorial, por dever de consciência e exercício de gratidão: tanto que se pode presumir dons gratuitos de natureza extraordinária" (C. S. IV, p. 62).

Este amor ao Terço o leva a uma suave reprovação àqueles sacerdotes que não têm "devoções": "Convém ao padre unir-se aos outros fiéis devotos e cultivar as boas práticas em uso na Igreja, e não deixá-las só para os leigos e às mulheres devotas. Como, por exemplo, acompanhar o SSmo., fazer a Via Sacra, o Terço (...): então os padres fogem" (P. Nello, vol. 2, p. 25).

b) Mês de maio

O mês de maio, vivido desde jovem no Oratório Mariano, é sempre mais amado e propagado como tempo forte nas aulas dos Estigmas.

Pe. Giacobbe afirma: "... no transcorrer do mês de maio, que para os estudantes era, então, consagrado a Maria, alegrava-se em dedicar-se inteiramente a Ela, oferecendo-lhe alguma prática de piedade, algum ramalhete, como se diz, de profunda piedade" (Summ. Add., p. 212). O mesmo Giacobbe falando da prática do mês de maio na escola dos Estigmas e do bem que Pe. Gaspar fazia, escreve: "... Nem era menor o bem que tirava da prática do mês de maio consagrado a Maria. No final do mês de abril, meia hora antes do término das aulas, Pe. Gaspar reunia no Oratório todos os alunos, e durante o mês de maio fazia-lhes uma pequena, exortação diante do altar de Maria, por alguns minutos. Embora breve, era inflamado de amor à Maria e ao bem da juventude que avidamente o ouvia. Rezadas algumas

orações, e marcado um ramallete à N. Senhora, e um boa ação (...) para o dia seguinte, "bem adaptada aos jovens, encerravam o culto cantando as Ladainhas de Nossa Senhora" (Summ. Add., pp. 390/391).

A devoção a N. Senhora e o esforço dos estudantes no mês de maio produziam frutos visíveis: "Quantas vantagens por estas devoções davam os queridos alunos a Pe. Gaspar - escreve Pe. Giacobbe - mostravam o grande progresso, obtido neste mês, a louvável diligência, e o exato cumprimento dos deveres, e a prática das virtudes domésticas que os pais notavam nos filhos, muito mais que nas outras épocas do ano; e todos os inumeráveis frutos, que como se sabe, derivam da verdadeira e sólida devoção a Maria" (Summ. Add. p, 391).

c) Relíquias e imagens

É um dos sinais mais "populares" e simpáticos da devoção mariana de Pe. Gaspar!

Pe. Gaspar mergulhava na piedade popular, seja para curas, seja para "milagres" recorrendo freqüentemente a relíquias, imagens, orações.

À morte do pai (26 de dezembro de 1813), na questão da herança, Pe. Gaspar pede expressamente para si somente dois objetos: "dois quadros, um que estava no refeitório, o outro no corredor do 2º andar. O primeiro de N. Senhora com o Menino Jesus nos braços e outra figura aos pés, o outro, o encontro de Jesus com a Verônica: todos os dois são propriedade do sr. Pe. Gaspar Bertoni" (P. Nello, vol . 3 , p. 558) .

De boa vontade aceita um pedacinho de tecido - tocado numa imagem milagrosa de Maria, - que a Naudet lhe envia em outubro de 1823, dizendo-lhe: "Aquele véu, isto é, pedacinho (de tecido) que tomei a liberdade de enviar-lhe, é para que o tome para sua saúde. Eu fiz e continuo fazendo assim: rezo a ladainha de Nossa Senhora com a oração do "Sub tuum praesidium" que está no papel, e depois corto um pedacinho do véu que coloco em um copo com água. Foi-me muito útil, principalmente para a cabeça. Parece-me que o senhor Pe. Marani que também tem essas dores, poderia usá-lo e continuar" (carta de 5 de outubro de 1823). E Pe. Gaspar responde: "Agradeço a caridade daquele véu de N. Senhora, e do sabão para manchas, e me recomendo muito às suas orações" (Ep. B., p. 164).

Para o restabelecimento de Pe. Gaspar, era dezembro de 1827, foi exposta "em nossa catedral, para veneração pública, a imagem de Nossa Senhora do Povo" (Giacobbe) e Pe. Lenotti escreve na "Miscellanea": "Com o tempo aumentou o mal (da perna) e criou tal depósito de pus naquele lugar que contaminou tudo. Tanto que se temia viesse a morrer. Mas os cuidados dos médicos e bons cirurgiões e as muitas orações que se fizeram (pois foi exposta a imagem de Nossa Senhora do Povo e outras e houve quem foi até Nossa Senhora "della Carona" para obter a cura) não só o livraram da morte, mas também o melhoraram tanto, que só por isso ficou perfeitamente curado" (Summ. Add . p . 139).

Em fevereiro-março de 1831, a doença da perna de Pe. Gaspar recrudescceu e a boa Naudet não sabendo o que fazer para socorrê-lo, envia-lhe a imagem prodigiosa de N. Senhora ou de algum outro santo. "Agradeço-lhe pela imagem - responde Pe. Gaspar - mas é preciso que me ajude com a fé" (Ep. B. p. 275).

O abandono à Providência de Deus, leva Pe. Gaspar a confiar-se também à Maria: "Pe. Gaspar acreditava pouco em seus próprios merecimentos. Se alguém lhe pedia uma bênção, habitualmente, por espírito de humildade, a negava. Mas diante da insistência terminava dizendo: 'oh, é N. Senhora, sim, N. Senhora que nos dará sua bênção! E diante de uma santa relíquia de Nossa Senhora ou de outro santo, recitava junto uma oração da Igreja, afim de que só de Deus ou de seus santos, a pessoa recebesse a bênção e as graças imploradas. (Summ. Add. p.551)

Além disso sabemos que Pe. Gaspar, ainda jovem oratoriano, rezava o Ofício de N. Senhora, apreciava os Cantos marianos, fazia Ramalhetes em honra de Maria, efetuava Peregrinações (cfr. a "Madonna della Coronna" de Monte Baldo, conforme diz, Pe. Bragato em uma carta) .

Além disso sabemos que Pe. Gaspar convidava à devoção a Maria não só com sua vida, mas também com suas palavras.

Eis o relato de Pe. Francisco Falezza, de um fato que aconteceu no início de 1852: "Talvez um ano e meio antes que Pe. Gaspar morresse, indo visitá-lo como fazia freqüentemente, contei-lhe que uma senhora (Maria Madalena Tarlarini) esposa de um protestante chamado Jorge Radius, morador de nossa paróquia, rezava muito a Nossa Senhora pela conversão de seu marido ao catolicismo. Então ele acrescentou (e recordo-me que iluminando o rosto, os olhos brilhando, e elevando fervorosamente a voz): continue, continue essa senhora a pedir à Virgem Maria. Se ela perseverar nessa oração, fique certa que alcançará sem dúvida". E a história continua contando que aos 20 de janeiro de 1856 o sr. Radius converteu-se e reconciliou-se com a Igreja (P. Nello, vol. 6., datilografado, p. 451/452).

Pe. Gaspar inculcava sempre a devoção a N. Senhora e sobretudo animava a fundação de Oratórios Marianos, masculinos ou femininos, onde a devoção a N. Senhora era um distintivo, conforme as regras.

Pe Gaspar orientou a fundação de Oratório feminino no colégio da Naudet. Mais tarde, também, em S. Paulo e em S. Firmo. Os Estatutos do Oratório impressos por Pe. Gaspar em 1832, recomenda a consagração diária a Maria SSma. e sobretudo a graça de imitá-la, honrá-la e amá-la.

Por tudo isto, o título de "padre Mariano" a Pe. Gaspar não está fora de lugar, e pode-se compreender as empoladas e retóricas palavras do Giacobbe em relação à devoção mariana de Pe. Gaspar: "... Qual fosse sua devoção a Maria, quanto fez por ela, e quanto se esforçou para excitar seu amor e obséquio nos corações, muitas páginas não bastariam para mostrar a mínima parte desta sua devoção" (Summ. Add. p. 509).

Pe. César Bresciani faz, coro com o primeiro "biógrafo, quando na primeira comemoração de Pe. Gaspar, diz: "... como foi extinta em Verona a Congregação dos Servos de Maria, N. Senhora suscitou este seu novo Felipe Benizzi, a fim de reavivar sua devoção" (Summ. Add. p. 207).

2. DOUTRINA "MARIANA" DE PE. GASPAR

Na mariologia da Igreja, os dogmas marianos são olhados na perspectiva salvífica e, portanto, foram logo confirmadas aquelas verdades que estavam diretamente ligadas à Cristologia. De fato, nos primeiros séculos da Igreja, a

mariologia e a cristologia estão ligadas às várias disputas teológicas nascidas em torno da Encarnação da Fé do Verbo feito homem. Portanto, os dogmas marianos mais antigos são:

- a maternidade divina de Maria (a Teotocos)
- a virgindade perpétua de Nossa Senhora.

Sucessivamente falou-se de antropologia teológica e porisso de estado original, de graça, do destino final do homem e porisso nascem as novas perspectivas cristológicas e marianas (cfr. dogmas da Imaculada Conceição, da Assunção).

O dicionário de Mariologia das Paulinas para nossos dias afirma: "A história dos dogmas marianos, a perspectiva do Vaticano II e da teologia atual fazem, ao invés, ressaltar claramente seu profundo inserimento no evento Cristo e sua estreita ligação com os mistérios da Igreja e da salvação do homem". ("Nuovo dizionario di mariologia" aos cuidados S. De Fiores e S. Meo E. P., p. 493).

O corpo doutrinal do Fundador sobre Maria não é colhido em um só tratado, mas deve ser procurado e achado em várias fontes: homilias, Memorial Privado, seleções litúrgicas, Vida, etc.

Divido a "doutrina mariana" de Pe. Gaspar segundo o esquema da mariologia do seu tempo:

- A. Dogmas marianos já promulgados
- B. Dogmas marianos promulgados depois da morte de Pe. Gaspar
- C. Outras verdades sobre Maria (mas ainda longe da luz dogmática).

A. Dogmas Marianos já promulgados

a) Maternidade de Maria

No dia 13 de dezembro de 1801, falando aos jovens da sua paróquia sobre a transladação da santa casa de Loreto ("A santa casa transferida em nosso coração: ou seja o nosso coração feito templo de Deus", oitava prática) depois de se dizer feliz em tratar um tal objeto, porque lhe era doce e amável, Pe. Gaspar exclama: "Felizes paredes: Feliz um templo que guardou aquele belo lírio dos jardins celestes, que despontou em vosso recinto, cresceu, e difundiu ainda seu odor tão precioso que foi suficiente para encher de perfume o mundo inteiro. Vós, mais esplendidas que os palácios, acolhestes a Rainha dos céus, a Esposa de Deus. Vós, testemunhas da Embaixada do Anjo! E o que é mais ainda, testemunhas do augusto mistério da Encarnação. Felizes paredes! Oh, casa consagrada pelos divinos mistérios! Palácio de Deus, porta do céu! Quão sublimes e doces afetos despertais em nós" (574).

E no sermão sobre o nome de Maria (15 de setembro de 1805: 29ª prática) diz: "Não vos admireis, meus queridos, que a Santíssima virgem seja senhora deste mar, quando verdadeiramente ela é muito mais ainda, Mãe. Sim, Maria com toda propriedade deve ser chamada MÃE DE DEUS. É um dogma de fé definido pelo 2º Concílio de Constantinopla (Denz. 218), porque desde o primeiro instante da concepção (de Jesus) tendo sido a natureza humana assumida pela Pessoa divina, podemos verdadeiramente dizer, que "Deus foi concebido e nascido da Virgem Maria. Assim S. Tomás (3, q. 35 a. 4) (1075)".

Prossegue Pe. Gaspar, afirmando que N. Senhora tem sobre seu Filho divino um direito maior que o das outras mães em relação a seus filhos. E isto porque Cristo nasceu só de mãe; e o amor que nos outros é dividido entre pai e mãe, em Cristo foi unido e concentrado inteiramente na mãe. Cristo obedece à Mãe! E, sendo mãe de Rei, ela é Rainha e "possui por direito todo o reino do Filho" (1081) e "ao poder do Filho não pode de modo nenhum ser a Mãe separada. A carne de Maria é a mesma de Cristo, um só é o espírito, um o amor. E do momento em que lhe foi dito: O Senhor é contigo (Lc I, 28), tornaram-se inseparáveis a promessa e o dom ... Portanto, eu julgo que a glória do Filho, não só seja comum à Mãe, como é a mesma" (1086) .

Nas suas meditações sobre a ENCARNAÇÃO (em 1815) eram familiares a Pe. Gaspar as seguintes reflexões: "Que honra Deus ter querido nascer do homem e assumir a nossa carne! Quanto devemos congratular-nos com Maria! Eis a fonte de todo nosso bem: quanta confiança! Só ela privilegiada do pecado original e admirada complacentemente por Deus: quanta reverência a Maria" (2472) (P. Nello, vol. 3, p. 648).

b) Virgindade de Maria (ou Pureza de Maria)

Começando da oração cotidiana que apresenta numa folha separada ou no Memorial Privado o dogma da Virgindade (ou pureza) de Maria, antes, durante e depois do parto, é afirmado com fé por Pe. Gaspar.

Na 30ª pregação, "A pureza de Maria", de 21 de outubro de 1805, aparece a humildade de Pe. Gaspar ao tratar "da pureza da Santíssima Virgem, da Rainha dos Anjos, da grande Mãe de Deus" e pede ajuda à Virgem.

Define antes de tudo a virtude da pureza segundo a doutrina de S. Tomás, depois fala da "beleza da virtude e da feiúra do vício contrário e, sobretudo, elogia a singularidade da pureza de Maria. Por etapas procura acercar-se da pureza da Virgem falando da pureza conjugal, da pureza da viuvez, da pureza das virgens... e no final da escada: "chegamos ao fim da escada que propusemos, mas quanto ainda estamos longe de atingir com o olhar a pureza de Maria! Ela é, sim, virgem, virgem de corpo e de mente, virgem perpétua, templo de Deus por união, por adesão ao seu esposo divino, sacrário do Espírito Santo pela consagração e dedicação total que fez de si mesma à divina Majestade. Mas, oh! com quão maior excelência estão todas estas coisas na Rainha das Virgens! Só Tu, sem exemplo, ó grande Virgem, agradaste ao Senhor nosso Jesus Cristo!" (1109). "Ó Deus! E esta divina maternidade, qual grau de pureza não exigia de Maria, muito maior até que a pureza dos Anjos? Quanto de fato pela dignidade de Mãe de Deus foi exaltada acima de todos os coros dos Anjos, tanto convinha que sua pureza excedesse com indizível vantagem, também, a excelsa pureza destes espíritos puríssimos" (1116). Exalta a grandeza da pureza de Maria: "Sim, é preciso ver as divinas perfeições. Esta Virgem é Mãe de Deus. Pensai que parto esteve unido a esta pureza, e que pureza esteve unida a este parto" (1119) e convoca toda categoria de pessoas para repousar à sombra da Virgem para encontrar paz e conforto: "Vinde, amigos devotos de Maria e imitadores fiéis da sua pureza. Sentai à sombra felicíssima desta planta do paraíso, e o seu fruto será doce ao vosso paladar. E como ela estende amplamente e abaixa cortesmente os ramos da sua proteção sobre todos, mesmo

aos seus menores servos; quem quer que sejas, ó irmão, ó irmã, que pelos áridos caminhos deste mundo, batido pelos ardores queimastes das tuas concupiscências; refugia com confiança, tu também, à sombra suave desta benéfica árvore, e alcançará refrigério, repouso, salvação, o teu coração quase queimado, cansado, perdido" (1120) (P. Nela, vol. 2, pp. 419/424).

No ano letivo de 1819/1820, Pe. Gaspar abriu nos Estigmas o Oratório Mariano, que dedicou, como o de S. Firmo, à "Pureza da Virgem Maria".

B. Dogmas Marianos promulgados depois da morte de Pe. Gaspar

a) Imaculada Conceição (8.12.1854)

É a verdade dogmática mais presente na fé que tinha Pe. Gaspar. Pe. Giacobbe, mesmo deixando os aspectos filiais da devoção a Maria ("a quem invocava muitas vezes e suplicava que fosse mãe misericordiosa, e poderosa advogada, e a quem diariamente oferecia seu puríssimo coração") de Pe. Gaspar, não pôde omitir "a honra e a firme fé que ele sempre dedicou à Imaculada Conceição de Maria" e porisso diz de Pe. Gaspar: "... desde os seus mais verdes anos jamais pôde pensar, que esta primogênita criatura, Maria, amada por Deus desde a eternidade, pudesse ter-lhe sido objeto de ira, mesmo por um momento, que a eleita Casa do Senhor, mesmo por um instante, tenha sido objeto de reprovação e de anátema, enquanto Eva que não o havia gerado foi criada na justiça original. Daí ele invocava, reverenciava e honrava como concebida sem a mancha original a bendita Mãe de Deus, sempre, em toda ocasião e em qualquer lugar pudesse, e com tais expressões de afeto e de convencimento, que "bem demonstrava não ser uma piedosa crença somente, mas quase uma doutrina dogmática, da Tradição colocada no seu coração" (Summ. Add ., p. 510) .

Na prática sobre a pureza de Maria de 21 de outubro de 1805, aparece a primeira confissão explícita da firme fé que Pe. Gaspar tinha, na verdade, da Imaculada Conceição de Maria.

Falando aos seminaristas na meditação sobre o 1º livro dos Reis que já há um ano está comentando de maneira alegórica sobre a figura dos Pastores, na 48ª meditação sobre o 1º Livro dos Reis 13, 1-4, de 8 de dezembro de 1811, tratando do mau êxito do pastor na sua desobediência e desunião com a S. Sé, entre outras coisas, para afastar o orgulho e a soberba, Pe. Gaspar dirige esta súplica a N. Senhora: "Virgem Santíssima, Imaculada, vós que fostes livre da fome do pecado, livrai-nos, pela vossa intercessão, dos tristes efeitos desta funesta mãe de todos os vícios (isto é da concupiscência) e principalmente da soberba. Esmagai os ovos, e dispersai as sementes de toda soberba" (cfr. P. Nello, vol. 3, p. 345).

O Oratório da Conceição nos Estigmas tinha o painel de João Batista amigazzi que representava a Virgem Imaculada circundada de Anjos. No dia 6 de setembro de 1818, pode ser inaugurado.

A 2 de fevereiro de 1849 Pio IX, exilado em Gaeta, publicou a encíclica "Ubi primum" para o dogma da Imaculada Conceição, nomeando uma comissão de estudos. Pediu o parecer de todos os "bispos católicos do mundo, e as orações de todos os fiéis. Este documento encheu de consolação os Padres dos Estigmas, que

aderiram com entusiasmo a esta verdade mariana. A encíclica foi motivo de puríssima alegria para Pe. Gaspar, mesmo no meio de tantas dores: "O mistério dulcíssimo - escreve Pe. Stofella - já alegrava toda manhã a oração de Pe. Gaspar com o texto da fórmula de consagração cotidiana a Maria. E isso ainda antes que ele o venerasse no painel do altar e no título do oratório chamado da Conceição, anexo aos Estigmas. Foi alegria que se renovou e cresceu no restante de sua vida". (P. Stofella, "Il Ven. Gaspere Bertoni" Verona 1951, p. 270).

Porisso escreve Pe. Giacobbe: "... É indizível, pois, de quanta consolação sua alma ficou repleta, quando soube que a Encíclica de 2 de fevereiro de 1849 ... com a concordância das respostas e dos votos de todos os Bispos, que pediam e solicitavam o oráculo, que uma vez pronunciado por sua Santidade, deveria encher de alegria e de consolação todo o mundo católico... Se tanto se alegrou o santo Velho por estes prelúdios, que pressagiavam vizinho o dia em que se levantaria a voz apostólica e anunciaria sempre Santa, sempre Imaculada Maria; quanta e qual teria sido a consolação e a exultação do seu espírito, se tivesse vivido até aquele dia (8 de dezembro de 1854) em que o intérprete entre o céu e a terra, o mestre infalível da verdade, elevou definitivamente a voz em honra de Maria, para conforto das almas piedosas! Que alegria teria sido a sua, se estivesse presente às magníficas festas, que todas as igrejas do mundo católico celebraram demonstrando sua fé e devoção sincera à Mãe de Deus! Mas ele então, a contemplava feliz no céu, e era testemunha e participante de uma festa e de uma homenagem que os próprios Anjos tributavam à sua Rainha. E era uma torrente de alegria e de satisfação, que o mesmo Deus o inebriava na sua real visão da magnífica glória, com a qual Ele quis honrada e exaltada sua divina Mãe" (Summ. Add., pp. 510/511).

b) Assunção de Maria Virgem (01.11.1950)

Não possuímos textos relacionados com este dogma.

C. Outras verdades sobre Nossa Senhora

a) Patrocínio de Maria (Mediação materna de Maria)

É uma belíssima verdade presente muitas vezes na fé de Pe. Gaspar, justamente porque Maria se mostra mãe e oferece sua proteção materna, sobretudo, nos momentos mais difíceis.

Preparando os meninos de S. Paulo para a primeira confissão, em 1798, Gaspar sugere para fugir do pecado: "E vós, Maria, aceitai-me sob vossa proteção, e defendei-me dos meus inimigos" (cfr. P. Nello, vol. I, p. 384).

À morte da mãe (6 de fevereiro de 1810), Pe. Gaspar se coloca sob a proteção da mãe celeste e no Memorial Privado de 18 de maio escreve: "O que custa a Maria pedir? O que custa a Jesus conceder-lhe a graça? É preciso purificar totalmente nosso espírito" e Pe. Stofella comenta: "Com isto quer dizer que nenhum obstáculo estorvará a materna mediação de Maria; e que nós, então, seremos apresentados a Jesus como vasos capazes de receber os divinos benefícios. (C. S. 1, p. 342)

Mas sobretudo a segunda nota mariana de 24 de maio de 1810 é fundamental e nos lembra o amor de Pe. Gaspar a Nossa Senhora e a gratidão para quem compôs esta oração. É uma pequena jóia e espelha a devoção como entrega total. (cfr. Tratado da verdadeira devoção à Virgem de S. Grignon di Monfort). Pe. Stofella afirma: "O BOM DIA já está no espírito de total abandono a N. Senhora. Ela é a Mãe, a Senhora da casa. Nós a saudamos todo dia como tal. Nossas ofertas e orações chegam a Deus por suas mãos. Assim também, todos os dias, as nossas ações e sofrimentos unidos aos seus méritos e os do seu divino Filho. Cada dia, cada um de nós 'debaixo de seu manto'" (C. S. IV, pp. 171 s.). Transcrevo a oração, embora os Estigmatinos a conheçam de cor:

"BOM DIA, minha Mãe, dai-me a vossa bênção. Abençoai a mim e a todos os meus queridos. Dignai-vos oferecer a Deus tudo o que hoje tenho de fazer e sofrer, em união com os vossos méritos e com os de Vosso Filho santíssimo. Ofereço-vos e vos dedico todo o meu ser e tudo que me pertence para o vosso serviço. Ponho-me inteiramente debaixo do vosso manto. Impetrai-me pureza de mente e de corpo, com a graça de não fazer neste dia coisa alguma que possa desagradar a Deus. Suplico tudo isso pela vossa Imaculada Conceição e intacta virgindade, antes, durante e depois do parto" (CS. IV, p. 170).

Pe. Gaspar, falando no dia 25 de novembro de 1810, na segunda meditação festiva aos seminaristas, sobre o encontro com a pessoa de Jesus, através do episódio de El cana (Samuel 1º livro dos Reis) fala, também, de Maria medianeira: "Cristo é nosso prêmio e vida, nosso último fim... Maria é nossa Mediadora para chegarmos e unirmo-nos a seu Divino Filho" (4874).

Mesmo não sendo um grande teólogo especulativo, Pe. Gaspar teve estupendas expressões de fé e de amor para com Maria. Isto porque não se colocou ao lado da "racionalidade", mas ao lado da "sabedoria do coração", e viveu como "filho", estupendos títulos marianos!

Conclusão

Neste ano Bertoniano, aprofundar a espiritualidade do Pai é alegria para todos seus filhos .

O amor à Maria, Mãe de Cristo Jesus, unida em esponsais a José, é uma grande herança que o Pai nos deixou.

A maravilhosa "aventura" de Pe. Gaspar Bertoni continua na sua Congregação como ressalta Pe. Marani no seu famoso compêndio: "... Quem se filiou a esta Congregação tenha sempre diante dos olhos a Bem-aventurada Virgem Maria e S. José, para aprender deles o amor pela pobreza, a aplicação à oração e à meditação, a prontidão na obediência mesmo nas coisas difíceis e contrárias à natureza, à caridade para com o próximo, cujo bem espiritual é obrigado a zelar, mesmo a custo da própria vida" (C.S. 2, p. 165).

Villapiano Scalo, 02.05.1989

Pe. Silvano Controne.